

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



ano—26800,
nias e Estr
crécimo
stituem
ou não
a a colab
é solicta

IGENDA

já os limi

a tipógraf
os em pô
dos colab
o de Nisa
se exting
a minha
is uma vez
izer outra
no artigo
lourinho,
rência à
osa encerr
ziava outro
Cá nara d
ar atrás na
deliberou,
Fevereiro
o Pelourin
mostrar r
os antigos
com repug
derribado
pedra, pass
mpetentes,
o das pale
o estropiam
tudo deram
de dislates

J. Fige

livre

(conclusão)

com quem
ve contran
nbem não
lembrando
do Chefe
ofício em
elas mesm
so admiss
Porém, G
te o docum
ler anotad
ih! não le
pega! não
ber o qu
Consider
e melhor
lavras do
Sergedt: «
equivalente
br nenhum
r prova, e
leve um
só os fra
anime rep
Mas dos
Hitoria.

ASSINAR É

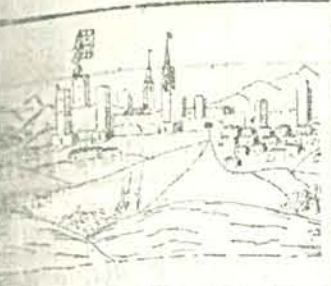
REMETER

ALÉ DE CO

TE E SEIS

DE LUT

o falecimen
sa Mãe, oc
z, encontra
Sr. Dr. Jo
como a tod
entamos ven
s.



Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

CHAGAS QUE SANGRAM

pelo Eng.º

PEREZ DURÃO

em as narrativas mais
ndirias, nem os episó
mais românticas que
na minha mocida
das lutas fratricidas
agitaram o País há
centena de anos, ti
tido, na verdade, o
evocativo suficiente
forte para me faze
sentir o poder dos ódios
os portugueses de en
como teve a fase des
da e dolorida daque
to mosteiro da Serra
lar, além do outro la
Douro, além em fren
medievo Porto
chagas que sangram,
as que gritam, chagas
toem, chagas que são
ol!
sua resignação secu
nda não foi possível
a reprovação, a lás
sofrimento por es
o, por esses ódios,
straram irmãos con
mãos, num duelo de
sarrilego à face de
criminoso à face da
um simbolo e são
sistema!

E uma pergunta nos as
salta: — Para quê?

E' largo o meditar no
revolver dos tempos. E
«vindo sentar-nos sobre as
ervas secas de um claustro
silencioso e deserto — como
diz Castilho — copiamos do
nosso coração para este pa
pel estas palavras, que den
tro em alguns dias serão
esquecidas, como o tu d o
quanto pertence ao ho
mem».

Para quê?! para impor
com sangue, pela violência,
pela força, «os direitos do
homem», aos homens de
uma nação inteira e cujos
direitos eram, por esse
mesmo facto, calcados, vio
lentados, despresados.

Para quê?! para impor
com sangue, pela violên
cia, pela força, esses «lre
itos do homem» que assen
tavam na utópica «bond
de nata do homem», negan
do inteiramente essa bon

dade pela maneira como a
queriam fazer aceitar como
um dogma.

Para quê?! para impor
com sangue, pela violência,
pela força a «Liberdade»,
negando a liberdade aos
homens que constituíam a
maioria da nação de esco
lherem o modo de se go
vernarem, e destruindo as
verdadeiras liberdades que
eram a base da orgânica
do Estado e, se havia al
guns anos andavam um
pouco desvirtuadas, era,
precisamente, em virtude
da reacção natural contra

(Conclui na página 2)

Pelourinho de Nisa

curiosa linogravura do sím
bolo das liberdades Munic
pais que gentes iconoclastas
e desconhecedoras dos fa
ctos históricos irreverente
mente apearam.

Ao triste acontecimento
se referiu, numa série de
apreciáveis artigos, o nosso
prestante co
laborador,
Professor J.
Figueiredo.



Inércia

A ninguém

Alta noite. Sóam vibrantes,
num tom único que se dilue no
silêncio profundo que me ro
deia, as duas badaladas da ma
drugada. Na abóbada celeste
uma miríade de ponto cintilan
tes de luz bruxuleante branca,
muito pálida, inconstante como
tudo o que no mundo é vizível.
A lua platinada, na sua máxi
ma altura, dardeja sobre a Ter
ra adormecida, inconsciente
das ninharias que são toda a
nossa existência e das paixões
que por esse mundo de Cristo
se entrechecem com ruído fra
goroso e consequências tremen
das, os seus raios prateados;
derramando em redor a paz
consoladora, alívio intrínseco
para qualquer mortal. Contudo

Continua na pág. 2

LISBOA, última semana

Aqui... Rádio Jornal

Momentos

UM PENSAMENTO

*Quem perde a honra pelo negó
cio, perde o negócio mais a honra.*

Conde Vimieiro

UM PARÁGRAFO

*Traidor! — Bradou o príncipe —
Mentes! O braço de D. Pedro que
bra e rompe tôdas as portas. Vais
ver!... Vilão! — ajuntou, fulando
ao vilico — Solta as mãos e a boca
a essa donzela. Ninguém se mo
va! Snetro Lopes, conta dem os
grãos de areia da tua ampulheta.
E' o tempo que te dou. Vais com
parecer na presença de Deus!*

REBELO DA SILVA

COMPARAÇÕES

*Assim como as verdes canas,
quando crescem, de quando em
quando vão fazendo uns nós co
mo descansos, em que parece que
a natureza descansa, não para fi
car ali, mas para com maior fôr
ça tornar a subir, assim os ho
mens disciplinados no trabalho
vão às vezes interpondo descanso
a suas moléstias, como nós em que
descansem, não para tomar o cor
poral ócio por fim, mas por meio,
para com maior esforço poder so
frer os importunos trabalhos e lan
çar mão dos honrosos exercícios.*

Frei Heitor Pinto

UM DITADO

*O avaro não tem, e o pródigo
não terá.*

ECOS DO MÊS

*Apresentamos ho
je, aos leitores do
«Correio de Nisa», o
«Dr. Sabichão», ele
mento notável no nos
so meio, que virá tra*

(Concl. na pág. 2)



Gazetilha

Anda o mundo em alvoroço
com receio de nova guerra;
e por isso grita e berra
toda a gente, de pescoço
estendido como um osso.
Dizem uns que «ela» não tarda
que até já cheira a «mostarda»
lá dos lados da Turquia;
e também há já quem ria
antegosando a «Bernarda».

SUMATRA DE LEMOS

quizera perdoar o mal que me
fizeras; pagá-lo com o bem.
Mostrar-te que em meu peito
alberga a pureza do sentir e
não o frio e premeditado cini
mo — cortante como o afiado gi
me de uma espada — que dize
ter-te estrangulado o primeiro
assômo da tua juventude.

(Conclui na pág. 2)

Cine-Teatro

Impressões duma récita de amadores

... dias alguém que
... dos niseuses
... muito de há cin
... para cá. E funda
... afirmação na crua
... de alguns aspectos
... da vida social do bur
... estranho de alguns
... que em mui
... a íntegra, a
... moral dos

... verdade, de ren
... A corrup
... conduz lógi
... das consci
... a pessoa do ó
... eficiente; e
... de pendoros cres
... como tortu
... aliado,

... ainda está per
... grejar do am
... quando em
... do bem;
... bilidade de
... incide por
... ardente de ex
... de virtuoso
... vaa em que
... caracteres alti
... de os lírios

imaculados da honra.
Nem tudo é tragédia, nem
desespero! Ao rictus da face ar
repanhada do mau, contrapõe
-se o olhar límpido e prazentei
ro de quantos porfiam em se
mear, neste vale de lágrimas,
os sorrisos da Bondade e espal
har, em torno do seu optimis
mo, o suavíssimo odor da Car
dade, a fragrância capitosa do
amor do próximo, fontes peren
es da mais pura e ditosa ale
gria de viver!

Todos estes pensamentos,
com o relevo dos seus contras
tes, foram para mim de leniti
vante obsessão naquela noite
de 11 do corrente, em que, no
Cine-Teatro, passei algumas ho
ras de vivo sabor regionaliste,
vibrante ardorosamente, sine
ramente, com a grande multi
dão dos meus patricios, que en
chia por completo a nossa ele
gante e vasta sala de espectá
culos.

Ali eu senti bem que, se a in
dole de alguns niseuses se dei
xou perverter pela pestilência
da época, o substracto da alma
da grei é ainda o mesmo de an

ANTOLOGIA

A Maior Dôr Humana

por Camilo Castelo Branco

Que imensas agonias se formaram
sôb os olhos de Deus! Sinistra hora
em que o homem surgiu! Que negra aurora,
que amargas condições o escravizaram!

As mãos que um filho amado amortalharam,
erguidas, buscam Deus. A fê implora...
E o céu, que respondeu? As mãos baixaram,
para abraçar a filha, morta agora.

Depois um pai em trevas vai sonhando,
e apalpa as sombras dêles, onde os viu
nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abismo, pai, não vão confortos:
és coração que a dor empederniu,
sepulcro vivo de dois filhos mortos!

Chagas que sangram

(Conclusão)

investidas desnacionaliza-
doras dos adêptos dos filô-
sophos do século anterior.

Para quê?! Para reinte-
grar a nação no seu verda-
deiro e antigo esplendor,
para trazer o bem ao povo,
para destruir os êrros e
emendar as injustiças?

Não! Para impor «os di-
reitos do homem»!

Mas que direitos mági-
cos seriam êsses que per-
mitiriam aos portugueses
fazer mais, além do muito
que sempre fizeram com a
Fê em Cristo, criando a
Raça, nas lides da terra,
criando a Pátria, nas lides
do Mar, desbravando o
Mundo.

Era o direito dado ao
homem de se impor como
indivíduo livre, isolado, so-
berano na acção e no pen-
samento!

Palavras! Palavras!
Palavras!

E o homem livre, em
frente do homem livre,
destruída ou enfraquecida
a Fê que guiara o esforço
da Raça; desagregada ou
desfeita a Família, bêneo
de heróia e de santos, ori-
gem da Freguesia e do Mu-
nicipio, troncos sólidos da
Nacionalidade; extintas as
Corporações, sangue e ner-
vo da Pátria; êsse «homem
livre» lança-se na luta de
classes, no seu individua-
lismo egoista e feroz, e le-
va-nos à maior desigual-
dade, à maior tirania que
jâmais os povos sofreram
e onde a fome vive lado a
lado com a abundância,
numa negação absoluta dos
«Imortais Principios» de
«Liberdade, Igualdade e
Fraternidade», negados pe-
la própria natureza, e que
eram a base tôda a sua ide-
ologia.

Assim a Família atingi-
da no mais precioso da sua
existência vai morrendo,
assim a Freguesia, o Muni-
cipio e a Corporação, no
seu estiolar, levam à morte

lenta, mas inevitável, a
Nação.

Portugal, no cento de
anos que foi campo de tão
desgraçada experiência, es-
tá ali bem representado
naquelas chagas que san-
gram, naquelas chagas que
gritam, naquelas chagas
que são remorso e expri-
mem tanta dôr naquelas
velhas pedras!

Essas chagas estavam
abertas e sangravam no
corpo da Nação!

Vimos mais tarde mãos
humildes de obreiros sara-
rem pacientemente aquelas
chagas pungentes da face
angustiada do velho mos-
teiro.

Essas mãos rudes de
portugueses realizavam um
símbolo — a restauração
de Portugal!

E Deus quiis que fôsse
uma verdade por obra des-
sa nossa geração, a gera-
ção do resgate, como a
classificou Salazar, o pe-
destinado do Ressurgimen-
to.

INÉRCIA

(Conclusão da 1.ª página)

Aproveita a inércia do mo-
mento; explora-a bem, pois de
contrário ela jamais se repeti-
rá. Inércia total que abrange
corpo e alma!

Foi nesse estado supremo
que eu te idealizei como te que-
ria, como tu jamais serias. Con-
stante, se a Inconstancia não fos-
se o teu prazer dilecto; pura, se
maculada não estivesse já —
negra a tua alma como a noite
escura e tenebrosa onde se en-
trechocam os rugidos de estar-
recer dos mais vis sentimentos;
em que são urdidias tôdas as
escabrosas acções — um pantano
infecto disfarçado sob uma
ligeira camada de verniz, peli-
da e brilhante, que esconde,
mas muito mal para mim que

tanho. No fundo da consciên-
cia colectiva, no mais recôndi-
to de todos os corações, deixa-
ramos nossos antepassados um
tal sedimento de honra e altru-
ismo que, mau grado todas as
solicitações do mal, ele perman-
ece intangível na maioria dos
meus contemporâneos.

Sim! Nem tudo está perdido!
Nisa tem ainda e terá sempre
filhos dignos das suas nobilís-
simas tradições de terra onde a
honradez, o amor do trabalho,
a honomia e até uma inequívoca
vocação para as belezas da
arte tiveram sempre o culto
mais fervoroso e sentido.

São dessa contextura os hu-
mildes trabalhadores rurais e
artistas, que há dias se exhibi-
ram no teatro local.

Num propósito louvável e
bem diferente do que leva tan-
tos a arruinar na taberna saú-
de física e moral, projectando
sobre os seus lares o negrume
de toda a desesperança e des-
conforto; numa atitude que só
nobilita quem a assume, o simp-
pático grupo de amadores dra-
máticos soube dar, aos seus pa-
res e a todos nós, de salutar
exemplo de dedicação pela sua
terra e de anseio pela sua as-
censão e melhoria intelectual,
cívica e moral.

Após a árdua labuta diária
no revolver do solo ou no exer-
cício de seus vários mesteres,
arrumados a pesada e esgotan-
te enxada ou as ferramentas do
officío e retemperadas as forças
em frugal refeição, os honestos
operários consumiram, duran-
te meses, as horas de merecido
e bem ganho repouso na prepa-
ração e ensaios da peça que se
propuseram levar à cena.

Equerem os leitores, que não
vivem em Nisa, saber por que
motivo todos mais se empenha-
vam e não se poupavam a es-
forços e cansaças para leva-
rem a bom termo tão difficil e,
para a sua cultura, tão desme-
dido empreendimento? É que o
drama — *Romeu e Julieta* — fora
urdidido por um dos seus com-
panheiros de trabalho, o rural
Joaquim Paulo, depois de viva-
mente impressionado com a lei-
tura persistente e interessada

te conheço, a tua mesquice
que não poderá sentir a paz
profunda que me rodeia. É ina-
tingível para ti — porque és vil
e mísera — creatura que a este
mundo vieste para só mal pra-
ticipares, teu único bem na re-
gião terrena!

Eu se não a posso desfrutar,
é porque agora sou presa dos
teus torpes e maquiavêlicos en-
genhos e enroscilhado estou no
teu leve jugo de todo o instan-
te, «eu» físico, que anseio po-
der quebrar.

Maldita sejas mulher infer-
nal! Do recôndito da minha alma
te odio tanto como te de-
sejo. Mas pobre de mim, que-
brada a vontade, que julgava
indomável, sou o produto do

Cine-Teatro

(Conclusão)

do romance do mesmo título!
E este fogo interior, esta chama
emocional apoderou-se de tal
modo do espirito de todos os
intérpretes que ninguém pode-
ria dissuadi-los de fazerem a
sua estreia de amadores dra-
máticos numa peça de tantas
difficuldades e tão exigente de
recursos cênicos.

O Sr. P.º José C. Filipe, que
foi o ensaiador, frisou bem, na
breve e conceituosa apresenta-
ção do grupo, o que acabo de
referir, e como a assistência co-
nhecia as fracas possibilidades
e a quasi nula cultura do autor
e dos actores, ninguém lhes re-
gateou os mais calorosos aplau-
sos.

Tanto no drama como no ac-
to de variedades, com que ter-
minou o espectáculo, não podia
exigir-se mais de todos os intér-
pretes. Sem desprimor para os
outros, merecem especial men-
ção Ana Maria Paulo, no papel
de Julieta; Belmira André, em
vários números de canto, e Ade-
lino Barra, que, por motivo de
força maior, teve de substituir,
à última hora, o amador a quem
foi distribuído o papel de Ro-
meu.

Foi um serão bem passado,
que, além de outros, me pro-
porcionou o prazer de verificar
como, sob mais um aspecto, Ni-
sa também mudou... É que, há
vinte ou trinta anos, rapariga
alguma cá na terra se atrevia
a pisar o palco... E, quan-
do era necessário, não havia
outro remédio senão travestir
alguem mancebo de melhor fi-
gura ou mais descaçado...

Ora ainda bem que as esbel-
tas ninsenses resolveram a co-
laborar em festas tão interes-
santes como a de há dias, que,
além de recreativa e instrutiva,
serviu a demonstrar os senti-
mentos filantrópicos dos seus
promotores, rapazes pobres aos
quais a avultada receita anga-
riada muito conviria e que, no
entanto, «ofereceram generosa-
mente à Santa Casa da Miseri-
córdia».

Honra-lhes seja!

Continuai, como agora, hu-
mildes e honestos trabalhado-
res, a entreter vossas horas de
ôcio em diversões tão salutares
e apreciáveis, dando assim ex-
emplo de morigeração e sã
conduta aos vossos camaradas
atirados pelo vicio à treda via
da perdição. E não receeis a
crítica dos mal intencionados.
Se o vosso cérebro tem pouca
luz, nem por isso o coração é
pior. E tende a certeza de que,
embora o vosso esforço não pos-
sa concretizar-se em primores
de arte, não faltará quem sa-
iba e queira aplaudir-vos com
generosidade e complacência,
como aquele enamorado que,
nas cartas da sua bem-amada,
behava sempre adoráveis os êr-
ros de ortografia...

J. FIGUEIREDO

teu capricho, da tua tirania que
eu quero olvidar, libertando-
me dessa preponderância que
me faz rastejar, como verme
imundo, pela senda tenebrosa
por onde caminhas.

NOGUEIRA CORREIA

Aqui... Rádio Joazeiro

(conclusão)

zer a luz do dia. o de
de alguns problemas
cionados com um único
Valorizar o meio ni-
Feita a apresentação,
emos a palestra:

Então boa tarde,
Que novidades nos da-
ca de Nisa?

Ora, deire-se de pe-
tas maçadoras sendo
Senão? Sim, sendo di-
certo número de coisa
que não concordo, o q
derá acarretar contra-
des!

Mas diga, diga se
Então lá vai: Li uma
ra municipal sobre a
ção dos edificios en-
em que se estipulava
gatoriedade de tal m-
Concordei plenamen-
verifiquei que o tér-
ar» era mencionado
significado geral e
particular, ou seja, bra-
com cal. E assim o
pretou muita gente,
ds suas fachadas
versas, mais ou me-
tonhas, de que é es-
a frontaria da Se-
Judicial. Pintado de
lo! Dá a ilusão de que
tiça anda desespera-
possível?

Demos a razão
submetemos às
respectivas a apre-
interpretação final
deste problema de
paganda».

O Dr. depois do
fo, mostrou-se pe-
Certamente tinha
guma contrariedade
sim, resolvemos inte-
Há novidade, Dr.?

Sim! Verifiquei
nifesto desprazer
Nisa, se descuida-
te da Educação
indivíduos e que,
mais importante,
nessa vila, três col-
des de fins idênti-
de possibilidades
rias sociais difere-
poderiam tomar
go a resolução de
problema. Por ex-
«Clube Ninsense»
capital; A «Socie-
tistica» e o «Sport
Nisa», além da
grande ou pequen-
riam à disposição
ros ginastas os
devidamente ape-
onde todos, — por-
diados e ricos —
confraternização
terminariam um
envolvimento.
cial. O primeiro
cação dos méto-
nástica, ensina-
professor condi-
gundo pelo o
entre todos, o q
o nível de... C

PARA ASSINAR

BASTA REMETEM

UM VALE DE

VINTE E SEIS

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—550. Numeros atrazados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26800
continente; Colónias e Est.
geiro, com o acréscimo
portes. Não se restituem
guitas quer sejam ou não
blicados. — Toda a colab
ção para o jornal é solici

Dr. António Maria Gouveia Biscaya Hortas

Faleceu na sua residência em Tolosa, donde era natural e havia nascido em 1850, confortado com todos os Sacramentos o sr. Dr. António Maria Gouveia Biscaya Hortas, com 96 anos de idade. Deixa viúva a Ex.^{ma} Sra. D. Lúcia Rebelo de Menezes Hortas. Era irmão dos falecidos srs. João Manuel Gouveia e José Lúcio Gouveia, Barão de Gáfete, tio do sr. António Gouveia Botelho e avô da Ex.^{ma} Sra. D. Lúcia Enes Oliveira esposa do sr. Dr. Victor Marques Oliveira, sócio das firmas: Victor Marques Ld.^o e F. Silveira Ld.^o da praça de Lisboa.

O extinto, formou-se em direito em Coimbra em 1875, sendo o último sobrevivente dum curso importante a que pertenceram grandes poetas e oradores como: António Cândido (Conde de Monsarás), Dr. João de Alarcão e Domingos Pinto Coelho, etc.

Figura de muito prestígio e respeito, dotado de excepcionais bondades de coração, grande benemérito e amigo dos pobres, à sua casa não ia ninguém a quem se não desse fatia de pão. Tinha creados de propósito e permanentemente a cozinhar e a amassar pão para os pobres. Diariamente fornecia a ceia a algumas dezenas de viúvas e a outros necessitados; todos os dias e em especial aos sábados contavam-se às centenas as pessoas entre velhos e crianças que ali iam receber esmola.

Auxiliou muito os Seminários da Diocese em especial o de Portalegre e Gavião. Custeou as despesas de alguns seminaristas, havendo párocos ordenados as suas expensas.

Apesar de formado em direito nunca fez uso da advocacia, entregando-se à administração da sua casa agrícola.

Entre outros cargos que desempenhou com muito brilho; foi presidente da Câmara Municipal de Nisa, vogal da Junta de Freguesia e Provedor da Misericórdia de Tolosa. Tendo sido ainda durante longos anos presidente da Filarmónica local, para que desembolsou algumas dezenas de milhares de escudos.

Muito embora fôsse esperada para breve a morte do sr. Dr. António Maria Gouveia Biscaya Hortas, devido ao seu precário estado de saúde e avançada idade, pois que era neste momento em Tolosa a pessoa mais velha, mais rica e mais culta, foi com verdadeira dor e grande pesar que a notícia do desaparecimento do seu nome do grande livro dos vivos foi conhecida.

Depois da missa de corpo presente na Igreja matriz, o funeral realizou-se para o seu jazigo.

A toda a família em luto, os



O TRABALHO

alocução feita ao núcleo da M. P. do Colégio Condestável pelo Prof. Serafim Gonçalves

Ex.^{mo} Corpo Docente do Colégio Condestável, alunos e alunas.

Não quis, quando o ilustre professor deste Colégio, Ex.^{mo} Senhor Eng. Fernando Perez Durão, pessoa por quem eu tenho a maior estima, me foi pedir para dizer algumas palavras aos estudantes deste estabelecimento de ensino, que os meus lábios o ferissem com o antipático não, e, por isso, eis-me hoje, perante vós, a ler frases desageitadas por a minha pessoa não ter «engenho e arte» para lhes dar forma e relevo.

Vagueei pelo meu espirito à procura de um titulo cujo desenvolvimento tivesse algo de proveitoso para a mocidade deste Colégio e foi encontrar este:

TRABALHO

O trabalho é o maior dos flagelos para aqueles que o odeiam. Em todos os tempos houve maus e bons trabalhadores e continuará pelos séculos fora e desigualdade que se faz sentir no pensamento humano desde o início do mundo. Nunca deixarão de existir os trabalhofilos e os trabalhofobos!

Todos nascem para colaborar no progresso dos povos e das nações, mas há os que, pela ausência da vontade, nada fazem em prol da sociedade.

Enquanto pequenos, não se prevê a categoria e condição dos futuros cidadãos: cuida-se dos meninos conforme as possibilidades e cultura dos pais, tendo aquelas e esta uma certa influência no desenvolvimento moral e físico dos novos homens.

Quantas e quantas vezes pais trabalhadores tem filhos preguiçosos e pais ociosos filhos de exemplar conduta e trabalho!

Serão este mal e bem innatos, ou será a grande força de vontade quem impera nos cérebros desejosos de bem servir a si, a Nação e a Humanidade?!

Pode ser uma coisa e outra.

Observam-se a cada passo exemplos de auto-cultura e auto-educação em pessoas que foram orfãs quasi desde o berço que, quando adultas, trilharam um caminho diferente daquele que lhes indicaram enquanto pequenas.

Há, nestes casos, uma causa forte a mortrar-nos que a força de vontade vence os obstáculos mais difíceis de transpôr e que o homem, querendo, tudo consegue o que é possível realizar

nossos sentidos pezames, particularizando o nosso querido amigo Dr. José Carvalhais de Barros Gouveia, sobrinho do extinto.

pelo trabalho, pela perseverança, pela persistência, pela continuidade. Eis, portanto, o trabalho a prevalecer como o melhor medicamento para a formação integral dos homens, a elevá-los perante a sociedade e a fazê-los brilhar como a mais cintilante estrela.

O trabalho regado e regularmente remunerado dispõe bem todo aquele que passa o seu tempo a produzir para si ou para estranhos. O trabalho dá alegria, refaz os músculos, abre o apetite e contribue para a conservação da saúde, quando não é excessivo.

Já tenho ouvido dizer: «o trabalho fez-se para os burros»; e ainda a cada passo se ouve: «se o trabalho é honra, os burros são os mais honrados».

Não, não é assim; o que presenciamos são animais a dar-nos exemplos de trabalho, mas forçados pelos seus domesticadores. Há outros que auxiliam o homem numa infinidade de serviços e que, como o asno, não exigem salário. Todos os dias assistimos ao desfile de irracionais a empregar a sua utilidade e força em benefício dos povos.

Sendo assim, o homem, como rei superior de todos os animais, não pode permanecer de braços caídos, inactivo, entregue à indolência; necessita de trabalhar para não ser um inútil perante a sociedade e para que esta veja em todos os seus cidadãos pessoas válidas.

O trabalho começa a notar-se nas crianças quando estas prestam algum serviço aos pais.

Ao entrarem para a Escola iniciam os seus primeiros trabalhos e daí em diante não cessam os seus afazeres.

Vós, estudantes e filiados da M. P., tendes sobre os ombros uma responsabilidade enorme que vos deve lembrar a todos os momentos os sacrifícios, as preocupações, as alegrias e as tristezas de vossos pais quando têm conhecimento das boas ou más lições dadas e do ótimo ou péssimo comportamento. É nessas idades que o trabalho brota espontaneamente e se nota quais são os de probabilidades firmes para chegar ao fim da meta de cabeça erguida, isento de cansaço, sempre pronto a recomençar a labuta por mais difícil que pareça.

Enfraquecer, desistir, entregar-se à inércia, afastar para longe a ideia de trabalhar é cair num abismo profundo, onde mora a horrenda desgraça de faces encovadas e garras aduncas a atrair os fracoses sem vontade para os conduzir ao albergue dos inválidos.

Inválido! Triste palavra esta por sabermos que ela se traduz num frangalho humano à mer-

cê das intemperies das populações!

Ser inválido por qualquer infelicidade é tolerável e não repugna a ninguém; mas sê-lo de vontade própria, podendo servir de qualquer forma a Pátria é que não há motivo para se proceder assim; há que recuperar a grande força de vontade, o amor próprio ao trabalho, olhar bem para dentro de si e reconhecer que é necessário trabalhar e afugentar para bem longe esse vergonhoso espectro chamado preguiça.

Quanto não dariam os impossibilitados para serem novamente aptos, voltarem ao trabalho, àquela alegria de viver?!

Do trabalho se obtém-quasi tudo o que aspiramos: trabalhadores rurais, operários de todos misteres, comerciantes, médicos, advogados, numa palavra, todos os de profissões liberais, desde o mais modesto ao mais categorizado, conseguem, pela tenacidade e especialmente pela força de vontade, alcançar o que pretendem e atingir o nível de vida ambicionado.

O trabalho, se não é indispensável à vida, é necessário para que ela decorra melhor, seja mais livre de embaraços, mais benigna para os componentes do lar e do seu chefe.

Todo o trabalho, quer seja intelectual ou físico, tem valor. Portanto trabalhar com coragem é ser homem de fé e consciencioso, bom patriota, útil à Nação, para qual devemos todos contribuir com a quota parte do nosso esforço e sacrificio.

Trabalhai que nunca vos arrependereis de o fazer; trabalhai agora e sempre, para que admirem e bem-digam a obra que doastes à posteridade; trabalhai para que os vossos descendentes glorifiquem e eternizem o vosso nome e este fique a servir de facho, iluminando aos vindouros a via honrosa do trabalho e o próprio Trabalho.

Casa do Povo de Montalvão

Da Casa do Povo de Montalvão recebemos um bem esclarecido relatório de gerência do ano de 1945, onde claramente se mostra a situação daquele organismo. Assinam-o os Ex.^{mos} Srs.: António Joaquim Fraústo, Presidente da Assembleia Geral e os Membros da Direcção, Cesar de Faria Pimentel, António de Oliveira Falcão e António Gomes Bento Marcelino.

Agradecemos o exemplar oferecido.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

CORRIGENDA

Isto excede já os limites toleráveis!

Os senhores tipógrafos recem apostados em pôr va a paciência dos colaboradores do «Correio de Nisa».

Ainda não se extinguiu todo o eco da minha queixa, já mais uma vez forçado vir fazer outra edição no último artigo do sobre o Pelourinho.

Com a referência à edição do de Tolosa encerra período e iniciava outro.

«E então a Cd nara para não ficar atrás destruidora, deliberou, são de 10 de Fevereiro que «visto o Pelourinho ainda existe mostrar a evolução de tempos antigos todos olham com repugnância que fosse já derribado vendesse a pedra, passos porisso os competentes A omissão das palmas blinhadas e o estropião do Douro a um acervo de dislates intoleráveis.

Não seria possível vez ou pelo menos atenuar as deficiências que desmente se notam na edição?

J. Fig...

Tribuna livre

(conclusão)

Gallieni com quem mente teve contrar o que tambem não cil. Mas lembrando conselho do Chefe -lhe um officio em que veu aquelas mesmas: Peço admisso cargo». Porém, Galliouveu-lhe o documento pois de ter anotado gem: «Ah! não ia go não pega!» Resta saber o que Lyantey. Considero velmente melhor das palavras do Emile Sergedt: «lé racter equivale ge a não lêr nenhum, o caracter prova, a que se teve um, termos: só os frac da unanime repa bons. Mas das reza a História...

PARA ASSINAR ESTE BASTA REMETER UM VALE DE VINTE E SEIS ESCUDOS

DE LUTO

Pelo falecimento tremosa Mãe, ocorreu tremoz, encontra-se Ex.^{mo} Sr. Dr. João quem, como a toda apresentamos sentilencias.